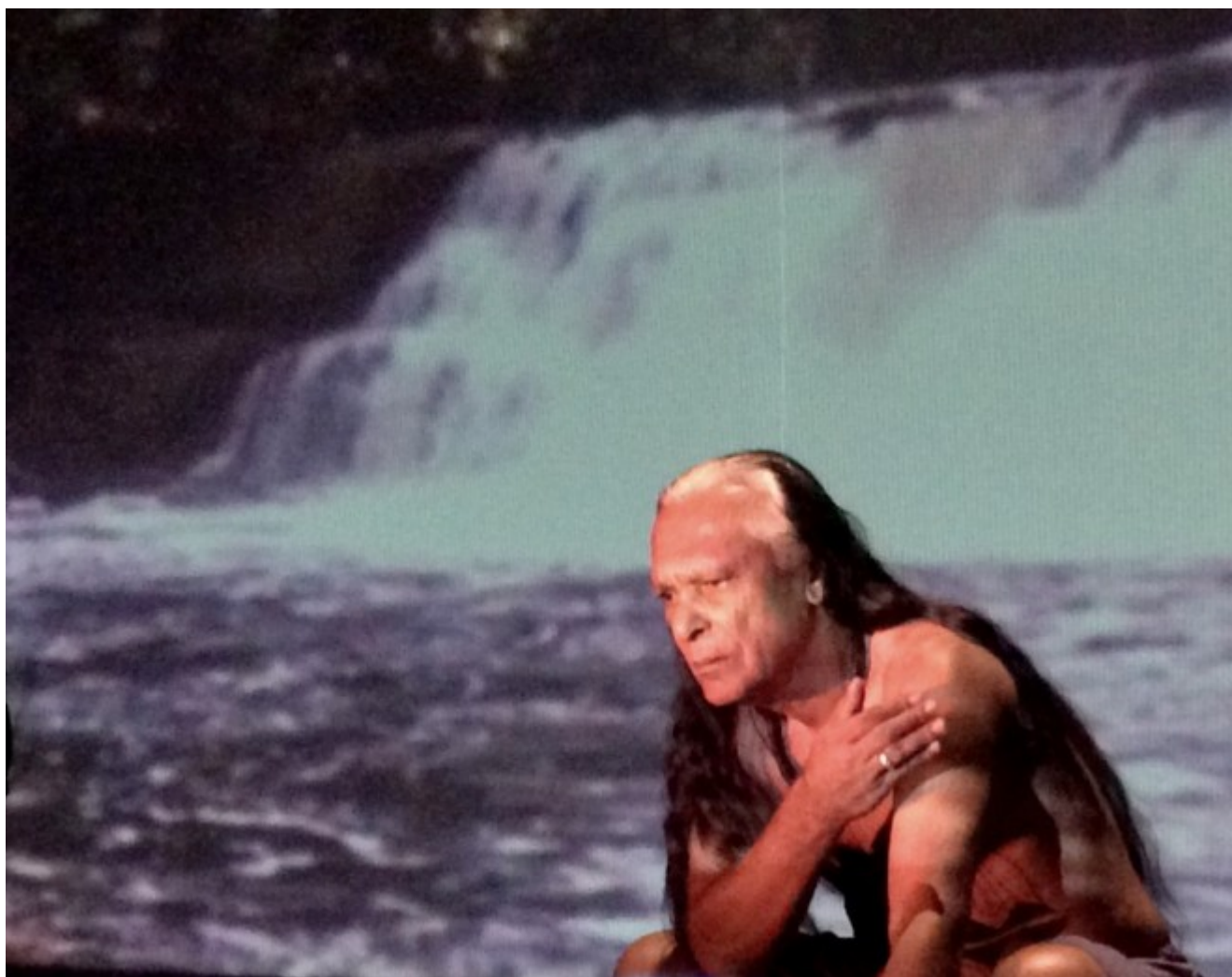


Meu Vo(o) Apolinário ensina a voar sem asas



Hoje, graças a seu avô e com uma obra literária de 47 livros traduzida para dezenas de idiomas, ele está em paz com elas.

Entrevistei Daniel há cerca de 20 anos para meu programa da |TV Gazeta e lembro-me de ter me encantado com sua postura: um raríssimo um mix de humor e descrição.



Daniel Munduruku

De origem Munduruku (povo de tradição guerreira do Vale dos Tapajós no Pará), Daniel ganhou prêmio Jabuti e da Academia Brasileira de Letras, é Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República e – mais importante – recebeu a menção honrosa do Prêmio de Literatura para Crianças e Jovens da Unesco – coisa de gente grande...

Acreditem : a montagem do texto de Meu Vô Apolinário é um presente que a Cidade de São Paulo ganha e é imperdível por vários motivos.

O primeiro deles é que é o texto favorito do próprio Daniel, por ser emotivo e fruto de uma vivência real. “A partir da experiência com meu avô nasceu o livro e o escritor”, conta.

Um casal de amigos, que segundo ele, conhece culturas do mundo

todo, serviu de inspiração: “Para eles os índios têm algo que falta ao brasileiro: a **ancestralidade**. Pensei sobre isso e descobri um bonito significado: raízes. Eles diziam que ser índio é ter raízes. Isso me fez buscar – na memória – minhas **raízes ancestrais**. Aí me lembrei de meu avô. Foi ele quem me ensinou a ser índio.”

A partir desta descoberta, **Daniel Munduruku** produziu uma obra com os ensinamentos transmitidos pelo avô.

Outro bom motivo para assistir ao espetáculo é que ele emociona e toca de perto – de forma sutil e fluida tanto crianças quanto adolescentes (o público mais difícil) e adultos, que podem, a partir daí, fazer uma refrescante reflexão



A direção é de **José Sebastião Maria de Souza**, experiente produtor cultural e diretor de mão cheia que, ao falar da peça faz referência a Dostoievsky: “*você só é universal quando fala de sua própria aldeia*”

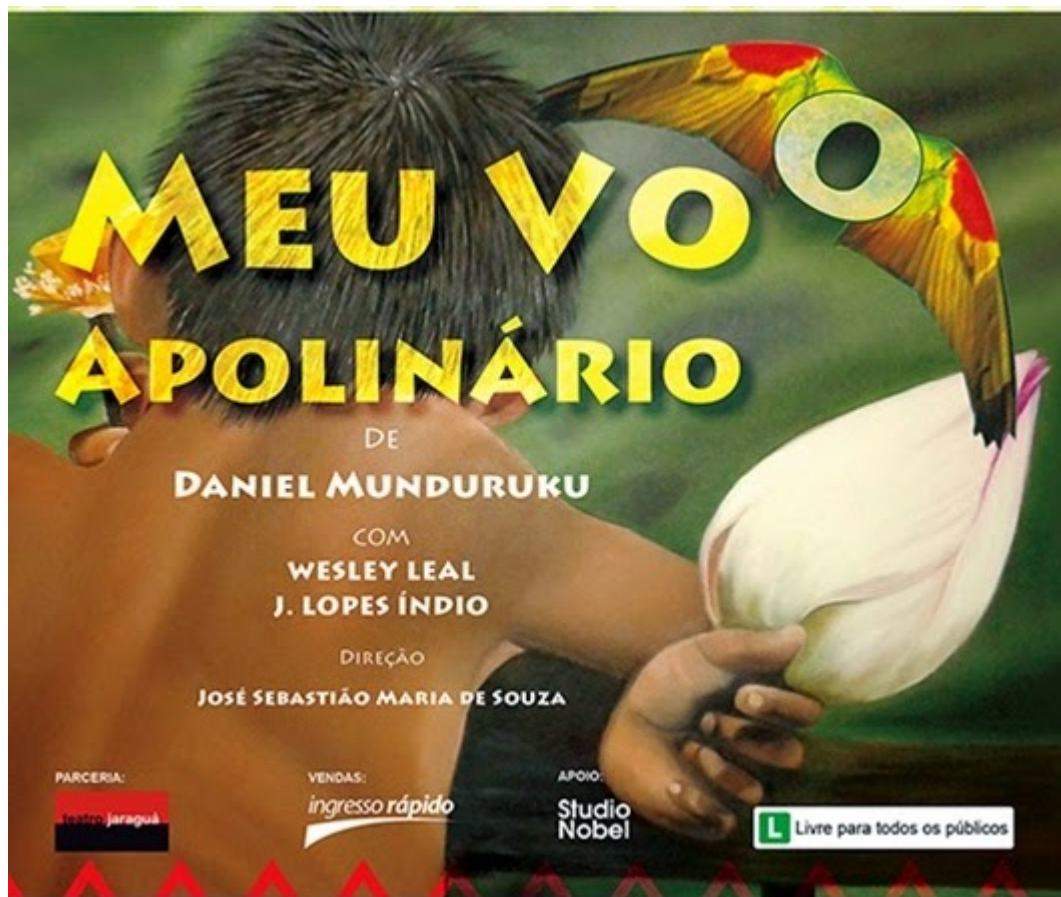
“Este é um espetáculo que fala de Índios”. Por isso essa reflexão sobre origens, raiz, ancestralidade. Poderia ir além da aldeia Munduruku, e situar-se na Finlândia, Japão, França, Bahia ou Vila Nova Cachoeirinha. O texto de Daniel Munduruku nos ensina a ter orgulho de ser aquilo que a gente é simplesmente

O adolescente, narrador da história, sofre bullying, por sua origem indígena, e seu sofrimento diminui com a descoberta de uma sabedoria ancestral.

“A leveza da atuação de **Wesley Leal**, o menino ator-dançarino, e a personagem de um avô representado por J. Lopes Índio, na sinceridade discreta e rigorosa de sua encenação, transmitem a dimensão de uma história individual e universal.

Olgária Matos, filósofa e professora, se encantou como eu. Veja seu comentário sobre a encenação: “Comovente em sua dignidade, esta narrativa confere uma força quase religiosa à **transmissão de valores** e experiências, re encantando o mundo em meio aos acelerados processos de sua despoetização”.

Tá esperando o que para ir e levar toda a família? Depois me conte. Pra completar, o horário é super conveniente – veja o serviço abaixo.



Serviço:

Meu Vo(o) Apolinário – Sábados, 18horas; e domingos, às 16horas.

Duração: 60 minutos.

Indicação de faixa etária: Livre.

Local: Teatro Jaraguá (fica dentro do Novotel Jaraguá).

Endereço: Rua Martins Fontes, 71, Centro – São Paulo, SP. **Tel:** 11 3255-4380.

Preços: R\$50,00 (inteira) e R\$25,00 (Meia).

<http://www.mamberti.com.br/jaragua/emcartaz.htm>.

